

monológica e autoritária por uma outra que, lúdica, possa abrir as janelas do sonho às interpretações diversas, plurissignificativas, polissêmicas, como devem ser, diga-se de passagem, as leituras da obra de arte.

CITAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 2010.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. Teoria da Literatura. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

HOUAISS, Antonio. Dicionário Eletrônico de Língua Portuguesa. São Paulo: Objetiva, 2008.

LAGO, Ângela. O Cântico dos Cânticos. Col. Lua Nova, São Paulo: Paulinas, 1997.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1993.

MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1977.

PAES, José Paulo. Poemas para brincar. São Paulo: Ática, 2011.

POUND, Ezra. ABC da Literatura. CAMPOS, Augusto & PAES, José Paulo. São Paulo: Cultrix, 1990.

JESUALDO. ALiteraturaInfantil. Trad.: AMADO, James. São Paulo: Cultrix/EdUSP, 1978.

ZILBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na Escola. 10 ed., São Paulo, Global, 1998.

SOBRE O AUTOR

Doutor em Letras pela PUC-Minas; professor-pesquisador da graduação em Letras e do Programa de Pós-graduação de Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia; Belém-Pará; atualmente pesquisa sobre letras e negritude na Amazônia paraense. É autor de inúmeros livros voltados para o público infanto-juvenil, como **Gitos, meus minicontos amazônicos**, pela editora Paka-Tatu, 2014.

Recebido: 12/08/2015

Aprovado: 07/11/2015



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA
BELÉM-PA | ANO 3 | N.3 | JAN-JUN 2017

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS VIVENCIADA NA INFÂNCIA: UM QUASE RELATO DE EXPERIÊNCIA *HISTORY ACCOUNTING IN CHILDREN: A QUARTER OF EXPERIENCE*

Edvânia Braz Teixeira Rodrigues

Resumo

O presente texto coloca em pauta a relação existente entre os mecanismos psicológicos da imaginação e da criação, na perspectiva de Vygotsky, explicitando esta vinculação existente entre a fantasia e a realidade da conduta humana, tendo como cenário a vivência de ouvir histórias de diferentes espaços da cultura brasileira na infância, o gosto pela leitura, pela literatura e pela contação de histórias.

Palabras clave: Contação de Histórias, imaginação e criação.

Abstract

This text brings the relationship between the psychological mechanisms of imagination and creation, in Vygotsky perspective, explaining this existing link between the fantasy and reality of human conduct, against the backdrop of the experience of listening to stories from different areas of Brazilian culture in childhood, the taste for reading, for literature and storytelling.

Palabras clave: Contação de Histórias, imaginação e criação.

No capítulo II do livro “La imaginación y el arte em la infancia”, L. S. Vygotsky enfatiza a relação existente entre os mecanismos psicológicos da imaginação e da criação, explicitando esta vinculação existente entre a fantasia e a realidade da conduta humana. Nesse sentido, o autor aponta, de forma elucidativa, quatro formas essenciais que ligam a atividade imaginativa à realidade, entendendo, nesse contexto, a imaginação não

como um divertimento caprichoso do cérebro, mas algo que se apreende do contexto, sendo dessa forma uma função vital necessária ao ser humano.

A primeira forma de vinculação entre fantasia e realidade se estabelece em toda elucubração e se compõe, sempre, de elementos tomados da realidade, extraídos da experiência anterior do ser humano. Os mitos, os contos, as lendas, os sonhos, etc. não são mais que novas combinações dos mesmos elementos tomados da realidade, submetidos a modificações e reelaborações da imaginação humana.

No caso do conto popular “Joãozinho e Maria”, por exemplo, vemos, nas cenas das crianças “se perdendo na floresta”, traduzindo a realidade do abandono de crianças pela família, devido a dificuldades financeiras, e nas cenas da bruxa colocando as crianças para trabalhar e as alimentando o suficiente para “ficarem gordinhas”, a exploração do trabalho infantil; ou uma situação muito cotidiana, como as crianças trancafiadas em casa, sem nenhuma assistência de amor, carinho e cuidado que não seja apenas a alimentação física, enquanto os pais trabalham o dia todo fora.

Assim, a atividade criadora da imaginação está diretamente ligada à riqueza e à variedade da experiência acumulada pelo homem. Portanto, quanto mais rica seja a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõe essa imaginação, matéria prima para a criação das obras literárias, artísticas, culturais.

A segunda forma, pela qual se vinculam a fantasia e a realidade, é mais complexa e distinta, ela se realiza entre produtos originários da fantasia e de determinados fenômenos complexos da realidade. Um indivíduo, baseado em estudos e relatos históricos ou histórias da tradição oral ou de relatos que nos chegam pela mídia, pela narrativa ele imagina a ação, mesmo desconhecendo a realidade ali expressa na narrativa.

Portanto, quando alguém se baseia no relato de viajantes, por exemplo, é possível se colocar (na imaginação) no quadro distante da Revolução Francesa ou no Deserto do Saara, no tempo das histórias de Sherazade. Esse panorama criado é fruto da imaginação e não se limita à reprodução do que foi assimilado a partir de experiências pessoais passadas, mas, sim, é fruto da criação de novas combinações.

Aqui, a imaginação converte-se de forma a ampliar a experiência do indivíduo que, ao ser capaz de imaginar o que não viu, pode conceber algo, baseando-se em relatos e descrições alheias, ou expondo-se a elementos midiáticos, ou seja, aquilo que não experimentou pessoalmente.

A terceira forma de vinculação entre a função imaginativa e a realidade é o enlace emocional, que se manifesta de duas maneiras, todo sentimento ou toda emoção tende a manifestar-se em determinadas imagens concordantes com ela, como se a emoção pudesse eleger impressões, ideias, imagens congruentes

com o estado de ânimo que nos dominasse naquele instante. Quando buscamos leituras de aventuras ou romances – a emoção nos guia em nossas escolhas – nos levando aos mundos imaginários que nos emocionam, nos enlevam etc. Ou, há, porém, outra forma de vinculação entre imaginação e emoção. Se, no primeiro caso, os sentimentos influenciam a imaginação, aqui é a imaginação que influencia os sentimentos. A ilusão de estar sendo perseguido por um bandido, mesmo que seja irreal a situação, fruto do medo que se sente, as emoções são reais.

Portanto, as emoções que nos contagiam nas páginas de um livro, na oitiva de uma contação de histórias ou na cena de um teatro por meio de imagens artísticas, filhas da fantasia, essas emoções são completamente reais e as sofremos, na verdade, séria e profundamente.

Na quarta e última forma de relação entre a fantasia e a realidade, a essência consiste em que o edifício erigido pela fantasia pode representar algo completamente novo, não existente na experiência do homem, nem semelhante a nenhum outro objeto real, mas ao receber formato novo, ao tomar nova encarnação material, essa nova imagem “cristalizada”, convertida em objeto, começa a existir realmente no mundo e a exercer influência sobre os demais objetos. Os elementos que entram em sua composição são tomados da realidade pelo homem, dentro do qual, em seu pensamento, sofreram um processo de reelaboração complexa, convertendo-se em produto de sua imaginação, materializando-se, voltam à realidade, porém, trazem consigo uma força ativa, nova, capaz de modificar essa mesma realidade, encerrando-se, deste modo, o círculo da atividade criadora da imaginação humana.

Assim sendo, comungamos com o pensamento de Deheinzeln, no sentido de valorizar as atividades que envolvem a oitiva de histórias contadas nos diferentes momentos da infância, da juventude, da vida adulta. Segundo a autora (2001, p. 22),

A linguagem [...] sensitiva é particularmente bem acolhida [...], pois permite encaminhar o afloramento das impressões perceptivas e sensoriais que melhor caracterizam a infância [...]. Ao proceder dessa maneira, busca-se um acordo que não é pré-estabelecido, mas sim construído a partir de uma dinâmica entre a sua individualidade e os variados elementos do mundo externo. Essa dinâmica é transformadora, e damos a ela o nome de criatividade. E a arte é o lugar propício para exercê-la.

A contação de histórias é atividade própria para o incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos para nós a experiência do narrador e de cada personagem e ampliamos nossa experiência vivencial, por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem à ficção e se materializam na vida real.

Os lugares, os fatos, os contextos muitas vezes são como nos são apresentados, por aqueles com quem convivemos cotidianamente, ao longo de nossas vidas. Sinto-me uma pessoa privilegiada ao ter sido apresentada à maioria dos lugares, fatos e contextos pela voz e narração de minha avó materna que tinha na sua narrativa dos contextos e cenários, personagens e tramas, assim como dos dramas e comédias cotidianas, a maestria de quem sendo tão conhecedor da cultura, dos hábitos e costumes daqueles com quem convivia, que se tornava hábil em transmitir e recriar aqueles relatos, narrativas, fuxicos, mexericos, causos e contos que compõem a vida de cada um de nós.

Lembro-me que fui apresentada aos lugares, contextos e culturas, talvez, nunca dantes vistos ou vividos nem mesmo por mim e tampouco por meus pais pelas narrativas de minha avó materna, que também era a minha madrinha de batismo. As primeiras das minhas lembranças, ao me dispor a remexer o baú de minhas memórias, me levam a uma relação embrionária, amorosa e cotidiana estabelecida com dona Maria Abadia, vulgarmente conhecida pelos parentes, amigos e vizinhos como Maria Coleta, minha madrinhavó.

Quando lanço mão das lembranças, das experiências vividas ao ouvir as histórias que me foram narradas por madrinhavó, tendo como referências os pressupostos até aqui elucidados, se desfraldam à minha frente, como se fossem quadros de uma imensa colcha de retalhos, daquelas costuradas por minha mãe e minha madrinhavó, nos finais de semana, em que os afazeres cotidianos ou pedagógicos, davam espaço à criatividade, que podia se manifestar na máquina de costura com minha avó ou no fogão com minha mãe e as duas sempre produzindo coisas lindas e gostosas, uma sempre auxiliando a outra ora na máquina ora, no fogão.

Dessa colcha de retalhos gigante afloram de minha memória fatos que a lembrança dá conta de sistematizar, trazendo à minha mente os tempos da infância. Recordo-me de Cora Coralina “venho do século passado e trago comigo todas as idades”. E, ao cutucar um desses tempos, me vejo frente à frente com um fato, também ocorrido em meados do século passado e que também me foi narrado por madrinhavó, mas com grandes interferências de minha mãe.

Creio que para todo mundo seja fácil recordar-se dos fatos que levaram os seus progenitores a definirem o seu nome de batismo. Ora, todas as crianças ao nascerem marcam esse momento de decisão! Muitas vezes, a mãe sonhou com um nome, o pai com outro e isso gera um momento de tensão que só é superado quando o casal chega, finalmente, a um consenso e decide o nome do rebento e, essa história muitas vezes se torna uma narrativa, ora tensa, ora cômica que acompanha aquele rebento, sendo contada e recontada inúmeras vezes ao longo de toda sua existência.

Comigo não foi assim, minha mãe afirmava, tanto meu pai quanto minha mãe desejavam que eu fosse batizada com o nome de Edvânia, mas foi minha avó que se colocou como obstáculo. Como? Ela dizia que quando minha mãe era pequena, lá pelos seis anos de idade, ela teve um incidente, na casa de uma conhecida, durante um jantar que a família fora convidada a participar e foi com espinha de peixe que ela ficara engasgada.

Como minha avó era uma cristã, católica, apostólica, romana de muita fé, não teve dúvidas, rogou por São Braz que a socorresse e se sua única filha se desengasgasse o primeiro filho dela, se chamaria Braz em homenagem ao santo. Segundo minha avó, ela foi imediatamente atendida e minha mãe seguiu seu destino sem se lembrar desse fato, no mínimo estranho. Eu me faço vários questionamentos sobre essa mania que as pessoas têm, e madrinhavó era mestra nisso, de fazer voto para outra pessoa cumprir, se ela queria fazer um voto ela que o cumprisse!

Passaram-se os anos, minha mãe se casou e engravidou pela primeira vez dois anos depois e quando nasci e meus pais anunciaram o nome escolhido, foi a vez de minha avó entrar em cena novamente, dizendo que aquele nome não seria possível. Não seria correto que eu recebesse o nome de Edvânia, pois, ela havia feito um voto que o primeiro filho de minha mãe se chamaria Braz.

– Mas não é filho, dona Maria Coleta, é uma filha. Disse o meu pai. – É disse minha mãe, não podemos dar esse nome a ela, seria muito estranho; uma menina se chamar Braz; – estranho não, bizarro, uma blasfêmia, completou meu pai.

No entanto, minha avó estava irredutível não aceitava nem mesmo a possibilidade de pensar em outra opção de nome que não fosse Braz. Minha mãe ficou furiosa, o meu pai também e disseram não aceitar, pois a filha era uma bonequinha e como poderiam colocar naquela menina um nome de menino, o Santo haveria de entender.

Mas, minha avó estava muito convicta e defendia o cumprimento do voto, pois se isso não fosse feito, o castigo poderia recair na criança e quem sabe ela poderia até morrer engasgada, no momento em que minha mãe a amamentava, dizia madrinhavó tentando amedrontar e convencer os meus pais.

Foi quando minha avó formulou uma solução mágica para o impasse, no seu rosto havia a expressão de um cientista que havia encontrado a cura para uma doença rara. Que não me fosse dado o nome de Braz no registro, mas era simples, argumentava ela, bastava me dar o apelido de Brazinha, assim ninguém iria estranhar!

Minha mãe conteve as emoções, na verdade, ela teve que conter a ira diante do ridículo daquela proposta e ainda teve que ter paciência e argumentação para mediar a situação com o meu pai. Então, ponderou com minha avó que seria

necessário, para resolver o impasse, que falassem com o padre, ele, certamente, arrumaria uma solução para aquela questão!

O padre era uma pessoa esclarecida e iria entender a resistência de minha mãe em gerar problemas futuros para sua filha, sendo ela batizada com o nome Braz, nome masculino e simplesmente alcunhá-la de Brazinha como minha avó sugerira. – Imagine quando ela for para a escola, ponderava minha mãe. Minha avó aceitou a sugestão, e lá se foi o casal acompanhado pela sogra, com a filha nos braços, buscar mais do que consolo com o pároco, mas uma solução plausível para o impasse.

O Padre César foi muito atencioso, ouviu toda a história concordando com minha mãe que era estranho dar um nome masculino a uma menina. Pensou, pensou e ponderou que era preciso fazer uma novena em intenção a São Braz e no dia do final da novena seria necessário que fosse apresentada uma nova penitência em substituição àquela primeira, feita no dia em que minha mãe se engasgara e que o santo a socorrera e a graça fora atingida tão prontamente. Desta forma, entendia ele, o problema seria resolvido e todos poderiam ficar tranquilos por não estarem desagradando um santo tão poderoso e que operara aquele milagre de forma tão imediata.

Felizmente, minha família seguiu o conselho do padre e a novena foi feita. Quando chegou o último dia da novena, minha avó anunciou qual foi a troca de penitência que a sua imaginação fértil idealizara, anunciando o seguinte: para que eu pudesse ser batizada com o nome de Edvânia, minha mãe teria que perfazer o caminho de Goiânia até a cidade de Trindade, a pé, me carregando no colo, na próxima festa e que quando eu completasse seis anos, eu deveria ser vestida de anjo e participar da procissão de encerramento da festa do Divino Pai Eterno e, finalmente, determinou que meu nome então fosse composto Edvânia Braz. Finalizou dizendo que assim ela estava segura de que São Braz não ficaria chateado.

E assim se fez, mais uma vez minha avó fizera um voto para minha mãe cumprir e de sobremesa incluía um para que eu também cumprisse. O incrível dessa história é que como eu nasci no mês de junho e a festa de Trindade só acontece no mês de julho eu fiquei um mês sendo chamada de nenê.

Essas lembranças, embora sejam apenas emotivas e frutos das narrativas de madrinhavó, me levam às descrições que, proferidas pela sua voz, me embarcaram em uma viagem que me proporcionou a oportunidade de conhecer as histórias, contos e causos dos lugares vividos por meus antepassados, nesse espaço geográfico brasileiro, chamado Goiás, que Marcelo Barra canta: “Terra linda venturosa, terra amada de meus pais. Minha terra de luz e vida é Goiás, Goiás, Goiás”.

Outro quadro da minha infância que consigo identificar em minha memória diz respeito ao tempo em que a minha família tinha como hábito passar as férias escolares na cidade de Rialma. Falo de Férias Escolares porque estas eram as

únicas férias possíveis de viver e conviver em família, pois sendo filha e neta de professoras não havia outra possibilidade de convivência familiar, a título de lazer, que não fossem as férias escolares.

Lembro-me que sempre nos dirigíamos em grupo familiar para a cidade de Rialma, mais precisamente para a fazenda “Rialma dos Apaixonados!”. Estranho esse nome, mas na minha primeira infância não me lembro de tê-lo questionado.

Em um desses quadros, da imensa colcha de retalhos desenhada por minhas memórias, está a lembrança do dia em que a curiosidade infantil desenhava em meus lábios uma pergunta, destinada a minha madrinhavó: –Vovó, por que esta cidade chama Rialma?

Lembro-me de que a resposta não veio de pronto, o silêncio se colocou entre nós gelado e intransponível, de tal forma que não consegui tirar uma palavra que fosse daqueles lábios generosos, sempre dispostos a alimentar minhas curiosidades e a tentar satisfazer meus questionamentos.

Mas, ao chegar à fazenda de meus tios e caminhando na companhia de minha madrinhavó, não segurando minhas dúvidas, repeti o questionamento, foi quando senti que os olhos de dona Maria Coleta se iluminaram como os olhos dos contadores de histórias se iluminam quando solicitados a narrar um caso, um mito, uma história...

Inicialmente, ela buscou um local adequado, à margem do Rio das Almas em um barranco, que pudesse me acolher de forma que os seus olhos pudessem estar à altura dos meus, antes de iniciar a sua narrativa.

– Sabe, minha neta, esse Rio, antigamente, há muitas e muitas décadas atrás, era muito caudaloso e de águas ligeiras e traiçoeiras. Viviam, às margens do rio, duas famílias muito poderosas, detentoras das terras e do poder político local. Cada uma dessas duas famílias tinha seus herdeiros; a de uma delas um filho e da outra, uma filha.

Essas duas crianças cresceram amando esta terra, seus lugares, suas paisagens e suas tradições. Porém, muito cedo, foram instruídas a se evitarem e a manterem distância uma da outra, em nome dos sentimentos de ódio nutridos e da disputa de poder de suas famílias!

Mas como era de se esperar, o coração puro daquelas crianças não foi contaminado de pronto por estas questões de adultos; e, como se não tivessem sido alertadas, corriam pelos campos, subiam e balançavam nos galhos das árvores retorcidas desse cerrado vasto e belo, nadavam no rio, montavam os animais enfim, eles desconheciam as divisas e cercas das duas fazendas.

Na adolescência, seus olhares se encontraram. E se demoraram mais do que o desejado pelos seus familiares. Seus olhares pousaram naquelas qualidades vistas e valorizadas pelos olhos de cada um deles. Apaixonaram-se... Enamoraram-

se... Namoravam sempre que tinham a oportunidade de estarem sozinhos.

Mas, um descuido daqui, outro deslize dali e logo o casal despertou o interesse no comportamento dos dois quando estavam próximos, os olhares trocados, os sorrisos sem motivo aparente... e foram descobertos! Um comentário daqui, outro fuxico dali e logo a novidade chegou aos ouvidos de seus pais.

E ao serem denunciados aos seus familiares, foram prontamente proibidos de se reencontrarem. Proibidos de se olharem, de se admirarem, de se beijarem, de se amarem.

Mas, ninguém dá ordens ao coração, aos sentimentos! E toda essa proibição não se configurou como obstáculo para que o amor nutrido pelos dois crescesse e se fortificasse. Muitos são os romances que dão conta da força que os jovens têm na luta pelo amor, pela conquista da liberdade de se entregar ao ser amado e foi assim que aconteceu com esses amantes também.

Descobertos e delatados, passaram por castigos que iam desde a proibição de comparecimento à missa aos domingos, à quermesse da arquidiocese, até serem proibidos de cavalgarem pela propriedade de seus pais ou participarem dos leilões de gado realizados na cidade vizinha, bem como dos rodeios, das festas de aniversário. Tudo proibido estava. Eles amavam os animais, sentiam falta da paisagem, das árvores, das flores, dos banhos no rio, mas sentiam muito, sofriam mesmo pela ausência um do outro.

Como tudo que é proibido parece ser mais e mais desejável, não tardou para que o sentimento de revolta contra os pais desenhasse na mente dos jovens a possibilidade de construírem uma vida a dois, bem longe de tudo e de todos que desejavam separá-los e que não acreditavam naquele amor. Começaram a planejar a fuga! Mas, foram ingênuos! Muito ingênuos... Ingênuos ao escolherem o veículo para aquele momento de fuga. Os dois amantes escolheram um carro de bois!

Os dois enamorados, após planejarem bem a fuga, separaram tudo o que necessitariam para iniciar uma nova vida, em terras distantes dali e acomodaram tudo em um carro de bois. Combinaram o dia da fuga, marcaram a hora e local de se encontrarem e fugiram...

Mas, no momento da fuga, o carro de bois emitiu aquele som característico: Om...Om...Om...Ommmmmmmm... despertando os empregados das duas fazendas e também, os seus familiares.

Sendo despertados por aquele som, os pais dos dois foram procurá-los em seus leitos e não os encontrando, partiram em sua captura! E não foi difícil encontrá-los, pois, estando a cavalo, eram mais velozes que o carro de bois.

O casal foi alcançado!

Naquele momento, o rapaz desesperado, começou a açoitar os animais e os bois, não estando acostumados

àqueles maus tratos, começaram a saltar, como se estivessem em uma arena de rodeio, e por estarem próximos à margem do Rio, caíram da barranca, sendo levados pela força das águas, daquele rio caudaloso e veloz.

Envolto em todos os pertences e trouxas que compunham a bagagem levada, para o início da vida a dois, o casal se debateu e, embora a tentativa de salvar um ao outro, a luta foi inútil, cansados foram dominados pelas águas. Morreram afogados!

Fiquei decepcionada com aquela narrativa, eu me sentia como se estivesse vivenciando aquele drama, agora mesmo, ali à margem daquele Rio! Eu esperava muito que os dois tivessem conseguido se desvencilhar daquela perseguição e que tivessem fugido para bem longe e vivido e aproveitado aquele lindo amor! Tivessem conseguido realizar o sonho de serem felizes juntos!

Decepção! Total decepção com aquele final de história que me estava sendo apresentado!

E minha avó, complementando a narrativa, ainda me disse que o rancor entre as duas famílias era tanto que mesmo nesse momento de dor extrema, buscavam onde enterrar os corpos de seus filhos e, ao decidirem o local, optaram por fazê-lo na divisa das duas fazendas, cada qual na terra de sua família.

Detestável essa conduta das famílias inimigas, estavam tentando separá-los mesmo depois de mortos! Revoltante essa conduta.

Madrinhavó continuou sua história, dizendo que a cruz fora erigida, mostrando onde os amantes descansavam, agora, em paz! E ela apontava para aquele cruzeiro, que marcava o lugar exato onde os amantes estavam enterrados, ao me narrar esse quadro doloroso da história.

Percebendo o meu olhar aflito, decepcionado e até mesmo irado, minha avó finalizou sua narrativa me dizendo que o amor dos dois era tão grande... tão grande... tão sincero, que aquele acidente de percurso não os havia separado de fato... Fiquei curiosa com esta afirmativa de madrinhavó.

Percebendo o meu olhar indagador, ela disse que em noite de lua cheia, aqueles meninos sonhadores, que ousaram desobedecer às ordens de seus pais e cultivaram aquele amor proibido, aqueles dois amantes ressurgiam das águas do rio e flutuavam de mãos dadas, olhos nos olhos, rodopiando, dançando e se beijando.... Como se desejassem comprovar a todos que testemunhavam aquela cena, que o amor é maior que as disputas financeiras e de poder terrenas!

Foi então, somente naquele momento, que eu pude entender a razão de ser daquela placa de madeira com a inscrição feita a fogo e ferro, que indicava o nome da fazenda de meus tios: "Fazenda Rialma dos Apaixonados!" e, ao ouvir o final da narrativa de madrinhavó, também descobri que o Rio que banha as terras daquelas fazendas ganhou o seu nome "Rio das Almas" porque ele abriga em suas águas e correnteza

duas almas eternamente apaixonadas.

Mas, minhas descobertas não pararam por aí, descobri também a resposta a minha indagação primeira por que o Rio emprestara seu nome à cidade vizinha, município que inicialmente era conhecido por Barranca e hoje se chama Rialma, no estado de Goiás.

Madrinhavó também gostava de me narrar contos de fada. Rapunzel (como alguém poderia ter um cabelo tão grande e forte?), A Bela Adormecida (como alguém poderia dormir por tanto tempo?), Cinderela (como alguém poderia aguentar tanta humilhação e desprezo e ainda assim continuar morando na mesma casa com a madrasta e as irmãs postiças?). Mas, estes questionamentos eram recompensados, mesmo que não respondidos, pelo desenrolar das histórias nas palavras, gestos e emoções de minha avó ao pronunciá-las. E todos eles que sempre falavam de amor e invariavelmente eram finalizados com um maravilhoso “e viveram felizes para sempre...” me passaram a ideia, por muito tempo, de que minha avó era uma pessoa romântica.

Mas, quando ela começava a me contar outras histórias que não aquelas que estavam registradas em seus livros, muitas vezes, eu duvidei do seu romantismo e cheguei mesmo a pensar que ela tinha uma veia cômica e até mesmo sarcástica. Comecei a me dar conta disso no dia em que, voltando da escola, fiz um comentário sobre um caszinho de namorados que estava extremamente apaixonado. E para expressar essa minha constatação, utilizei-me de uma expressão muito usada àquela época para designar os apaixonados, por conta de um seriado que passava na televisão, disse a minha avó que eles eram o “casal vinte da escola”. Ao que ela me respondeu prontamente.

– Pode dividir isso por três por que somando os dois não vai dar nem dez!

– Mas, vovó eles estão apaixonados e vivem coladinhos um ao outro, é uma gracinha! Eu retruquei “a la Hebe Camargo!”. Ao que minha avó respondeu: – Aguarde minha neta, a vida vai te mostrar!

Certo dia, ao recebermos um convite de casamento de uma prima, madrinhavó fez uma expressão tão estranha, uma careta mesmo, ao comentar o assunto, que não resisti e me meti, dizendo: – Vovó vai ser lindo! Será o dia de príncipe e princesa de Walquíria e Arthur! Ela me olhou demoradamente como se estudasse bem o que iria me dizer. Durante esse tempo fiquei imaginando ouvir aquela frase tão rotineira: – Isso aqui é assunto de adulto, mocinha, recolha-se aos seus afazeres brincantes! Mas, depois de um tempão ela me disse: – É...!

Quando um casal resolve se casar, é uma decisão muito séria e com consequências para carregar nos ombros o resto de suas vidas. Realmente, será um dia muito importante. Num dia

como esse, a moça se veste de princesa e o rapaz de príncipe, com toda pompa e gala! Entretanto, o que ninguém percebe durante a realização da cerimônia, talvez pela comoção, ou talvez, pelo fervor religioso que se instala naquele ambiente sagrado, é que a princesa é conduzida ao altar pelas mãos de uma bruxa e o príncipe, atravessa a nave da igreja montado num cavalo branco.

Fiquei extasiada com essa narrativa de minha avó, estava feliz por perceber ali na minha frente o retorno daquela mulher romântica que eu tinha na minha memória. E ela continuou: – Mas, quando os dois se encontram no altar, num lampejo da razão perdida, a princesa desiste e o príncipe também! Então, minha filha, o padre casa a bruxa com o cavalo!

Pronto, o encanto estava desfeito, a romântica desaparecera, novamente! E novamente fiquei decepcionada com essa postura apresentada por madrinhavó, nessa análise que ela fazia da cena de um casamento. E ela completou seu raciocínio me dizendo, mais uma vez: – Espere, a vida vai te mostrar!

O que a vida vai me mostrar? Era o questionamento que rondava a minha cabeça adolescente, já ingressando nos tempos de procura de meu próprio príncipe encantado.

Certo dia, resolvi provocar madrinhavó dizendo que eu admirava muito o tio Lacerda e a tia Aparecida. Eles formavam um casal exemplar, não só na minha concepção, mas eram vistos assim por todos da família.

Tia Aparecida era professora, mãe dedicada e eficiente, esposa atenciosa e amorosa, filha amantíssima. Tio Lacerda era policial rodoviário federal, respeitado pelos colegas de farda, admirado pelos amigos civis e pelos familiares, pai amoroso e marido fiel.

Essa sua última qualidade era de conhecimento e positivamente reconhecida por todos os familiares, pois se algum homem casado da família revolia sair dos trilhos, era ele que era chamado para aquela conversa necessária para que o “safado” voltasse aos eixos.

Minha avó ouviu-me calada, assuntando tudo que eu dissesse e balançando a cabeça como quem concordava com o que eu estava dizendo, mas quando me calei, ela me olhou com um olhar de ternura e um sorriso no rosto, quase que numa consternação e me disse mais uma vez: – Espera, a vida vai te ensinar!

E não tardou muito para que a vida me ensinasse! Foi numa noite em que fui acordada por ruídos de choro e me levantei apressada, buscando encontrar quem estava chorando. Encontrei muitos de meus familiares conversando baixinho, como se segredassem algo, na sala e na cozinha, meu pai, minha mãe, madrinhavó conversavam com tia Aparecida que chorava.

Perguntei, preocupada, o que estava acontecendo, e madrinhavó me respondeu; – Seu tio Lacerda morreu. Foi acidente, perguntei, minha mãe disse: – Não filha, ele morreu... e parou meio constrangida com o que tinha que dizer e, minha tia completou, – Não, não foi acidente não! O desgraçado morreu no Motel, com uma garotinha de 18 anos!

– Morreu feliz, o desgraçado! Disse o meu pai com tom irônico, e saiu o arrastando e brigando com ele! Madrinhavó, disse entre dentes: – A vida está começando a te mostrar! Tia Aparecida, depois daquele dia, se transformou, continuou sendo uma profissional séria, mas nos fins de semana se esbaldava em festinhas, sempre acompanhada de um garoto mais jovem. Quando alguém da família falava qualquer coisa contra seu comportamento, ela soltava uma gostosa gargalhada e dizia: – Estou dando o troco... estou dando o troco!

Diziam as más línguas que quando ela recebia a pensão deixada pelo meu tio, ela não comprava nada para casa, nada para ela, só gastava nestas farras e que, quando terminava suas noites, ela passava no cemitério e dizia uns bons desaforos para o defunto!

Um dia tia Aparecida chegou à nossa casa mancando e com um curativo no dedão. Então, eu perguntei como ela havia se machucado, ao que ela prontamente me respondeu: – Eu estava muito empolgada com o meu desabafo! Dessa vez, exagerei nos chutes e acertei a lápide do desgraçado. Se não fosse trágico, seria cômico, tive que conter o meu riso. Um outro dia, eu me surpreendi com madrinhavó falando de um casal perfeito, para minha mãe. Essa história eu quis escutar direitinho para não perder nenhum detalhe! Dizia ela que era um casal bem velhinho, que estavam juntos há sessenta anos e, que nunca, nunca haviam brigado. Vocês conseguem imaginar um casal viver tanto tempo sem nenhuma briga? Mas a cena que ela narrava era dramática, o leito de morte da mulher amada e a angústia de seu marido, pressentindo que o fim estava próximo; ele tomou coragem e perguntou se ela não o autorizaria a abrir aquela caixa, que ela guardava todos aqueles anos e que era o único segredo que havia entre os dois, nesses anos vividos juntos. Ela franziu, de início, a testa e ele achou que ela se negaria, pois desde o dia em que ela aparecera em casa com aquela caixa grande, reforçada, tipo caixa de presentes ou que se usa para guardar vestidos de festas, vestidos de noivas, ele, curioso, tentou saber do que se tratava, mas ela lhe pediu que nunca abrisse aquela caixa, que respeitasse a sua vontade e ele satisfizera o seu desejo, pois ela sempre satisfizera os seus, logo, não lhe custaria nada.

Mas agora, tantos anos depois e no fim de suas

vidas, a curiosidade apertara e ele não resistira em fazer-lhe esse pedido. Para sua surpresa, ela fez que sim com a cabeça e com o gesto que lhe era peculiar nessas situações, ele entendeu que ela gostaria de ficar sentada na cama. Então, ele assim a posicionou, ajeitou, carinhosamente, a sua cabeça ao travesseiro ao tempo em que ela apontava para o maleiro do guarda roupas, dizendo que ele trouxesse a caixa até ela.

Ele pegou aquela caixa com um misto de medo e alegria. Já ia abrindo quando ela lhe fez uma pergunta apontando para o seu colo, como que ordenando que ele colocasse ali a caixa fechada. Então, ela perguntou ao esposo se ele se lembrava do dia do casamento dos dois. Ele abriu um sorriso largo e disse: – Claro, minha velha, como não me lembraria do dia mais feliz de nossas vidas!

Disse isso e lhe beijou a testa carinhosamente. Ela o afastou com cuidado e começou a falar: – Naquele dia, minha mãe me chamou em seu quarto e me disse que a partir do momento em que eu dissesse sim, perante o padre e todos os congregados da igreja, meus desejos deixariam de ser importantes. Não, não foi mais forte. Ela disse que meus desejos deixariam de existir e que somente os seus desejos seriam importantes e eu deveria dedicar todos meus dias para satisfazê-los.

No vigor da juventude, eu protestei e disse não! Ela continuou seu relato. Para sermos felizes nós dois temos que buscar satisfazer nossos desejos. Se for assim, se eu desejar muito alguma coisa, nós vamos brigar. Foi quando minha mãe disse: – Espere, e saiu do quarto, voltando minutos depois com um novelo de linha e uma agulha de crochê nas mãos.

Ela me fez me sentar na cadeira ao lado da cama e me disse: – Quando você se viver uma situação dessas, com vontade de brigar com seu marido, crochete uma boneca. Será o tempo necessário para a raiva passar e você conseguir abafar o desejo acalentado no peito e se dedicar a satisfazer os desejos de seu marido!

– E foi o que eu fiz todos esses anos. Finalizou ela, apontando para a caixa, autorizando-o a abri-la. Ele abriu aquela caixa num só golpe e uma lágrima de emoção rolou pelo seu rosto. Dentro da caixa, havia apenas duas bonecas. Ele as ergueu devagar, num gesto que lembrava um atleta erguendo o troféu de vitória em uma Olimpíada ou Copa do Mundo.

Mas, ao erguê-las teve uma grande surpresa. De suas saias rodadas coloridas, de babados bem crochutados, começaram a cair notas e mais notas de dinheiro, muitas notas, muito dinheiro.

Ele ficou de início, surpreso, depois preocupado e

perguntou com voz descontrolada: – O que significa todo esse dinheiro?

Ela se ajeitou sozinha na cama como se usasse e buscasse toda a força que ainda detinha em seu corpo apesar da doença. Respirou fundo e lhe respondeu: – Todo esse dinheiro, de onde vem? E com o rosto contorcido como se vivenciasse naquele momento todos os desgostos que vivera durante toda sua vida, ela respondeu num sussurro de dor: – Vem das milhares e milhares de bonecas que eu tive que vender!

Quando o assunto era o amor, madrinhavó era sempre controvertida, ora romântica, ora sarcástica, ora indiferente, ora cômica. Essa era uma grande verdade que eu custei a enxergar.

Ela afirmava que o amor fazia o tempo perder o sentido. Estas eram palavras sempre ditas por madrinhavó quando ia narrar uma história de amor. Para ela, no desenrolar de uma história de amor o relógio não importava... 20 minutos, 20 horas, 20 dias, 20 anos..., ou dependendo da sintonia do casal apaixonado, ah!, essa sintonia faria o tempo voar ou simplesmente parar!

Já na ausência do objeto do nosso amor, essa ausência teria um efeito contrário e faria com que o tempo não só parasse e nos machucasse, mas chegasse mesmo a sentir prazer em nos maltratar! Esse sentimento da ausência do ser amado nos levaria a nos comportarmos exatamente ao contrário do que comumente nos comportaríamos no nosso dia a dia. Por esta razão, nos sentimos tão atrapalhados, tão desengonçados, quando estamos apaixonados, dizia ela.

As lembranças que se desfraldam à minha frente desenham as tentativas de madrinhavó de me apresentar os lugares que frequentava, cotidianamente, mas também se esforçava em me apresentar à imensidão do nosso País, o Brasil de dimensões continentais com narrativas da sua diversidade cultural.

No entanto, muitas vezes, desconfio que quando se trata de locais distantes da nossa realidade vivenciada rotineiramente, ela só tivera acesso a esses lugares pela via das narrativas construídas por meio de suas leituras de jornais, periódicos, enciclopédias ou livros literários ou até mesmo das histórias que lhe foram contadas pelo boca a boca de comadres.

Lembro-me, então, de madrinhavó quando em suas narrativas dava conta de terras bem distantes do centro-oeste brasileiro, lembro-me de uma delas em que ela me contava de um tempo em que não se acreditava em lendas e não havia cantigas de rodas, nem luz do dia, nem brincadeiras das crianças das cidades ou dos curumins das tribos. Falava de um tempo em que se vivia sob o jugo da ganância e da devastação da natureza, e imagino que as coisas não mudaram muito desse tempo para cá. Mas, deixemos de devaneios e voltemos à narrativa de Madrinhavó.

Naquele tempo, o Espírito do Grande Tuxaua, chefe de

todas as tribos da floresta amazônica, ficou deprimido e foi tomado por um mau pressentimento. Este pressentimento dava conta de um medo cultivado pela presença próxima da cobra grande, a Boiúna.

Quando Boiúna, a cobra grande que morava debaixo da ilha encantada, gritava, era o prenúncio de más notícias. E, ao ouvi-la, Tuxaua erguia-se do fundo das águas do rio Amazonas. Essa atitude era a mais pura demonstração de que estava decidido a sacrificar sua própria vida, antes de se ver obrigado a reconhecer a vitória dos conquistadores.

Mas, daquela feita, Boiúna estava gritando e o seu grito era de súplica a Tuxaua para que colocasse sua astúcia, bravura, coragem e força a serviço da reconquista da magia que o povo de todas as tribos, por ganância, havia dado em troca de um punhado de ouro.

Então, naquela noite, o Grande Tuxaua subiu as águas do rio, em companhia dos bichos das águas, os botos cor-de-rosa, os tracajás, as tartarugas, os jacarés, os pirarucus, as sucuris..., emergindo e convocando os bichos do chão, onças, cutias, macacos, tatus, cavalos, bois... encontrando-se com Boiúna e os bichos do ar, gaivotas, gaviões, sabiás...

Boiúna, a Cobra Grande, com seus olhos de fogo, estava ereta, com a cabeça acima das nuvens, exibindo o grande chifre que trazia na testa, estava em postura de guerra, pois era o início da batalha contra Anhangá e seu exército sedento de sangue, que ameaçavam aqueles que, em qualquer tribo, em qualquer cidade, ousasse cantar, criar, brincar, dançar, contar histórias...

Enfim, aquele era o tempo da ausência da inocência, da espontaneidade, da imaginação, era o tempo da ausência da alegria, da música, das histórias e da fantasia. E, Anhangá era ardiloso! Seu poder vinha da tristeza, da lamúria, do sofrimento. Ele estava alimentado!

Quando o Grande Tuxaua abriu seus braços para fazer o seu apelo a Monan, o Grande Criador de tudo e de todos, antes que ele comesse sua oração, Anhangá, traiçoeiro, o atingiu com uma flecha no peito, do lado de seu coração.

Foi então que Monan ordenou a Tuxaua e a todas as tribos da Floresta Amazônica que, para Tuxaua não morrer, pela última vez, e, para que conquistasse a vitória na batalha contra Anhangá e seu exército, ávido de sangue e tristeza, fossem oferecidos a Monan, pelo povo amazonense, dois bois todo o ano, e que todo ano fosse realizada durante a oferenda dos dois bois, em sua honra, uma grande festa no coração da floresta, até o fim dos tempos.

Depois de proferida essa exigência de Monan, imediatamente, os caciques e os pajés de todas as tribos amazonenses se reuniram em um grande conselho e o compromisso foi selado. Então, os pajés cuidaram de Tuxaua, batendo folhas em seu corpo, conversando com Monan e, nesse

ritual, foi dada a ele força para retirar a flecha de seu peito.

Livre da flecha que retirara do seu coração, Tuxaua apontou-a para o lugar de onde viera e a flecha, tendo sido energizada pelo conselho de caciques e pajés, ao atingir Anhangá, o Espírito do Mal, provocou um grande estrondo, prendendo-o no oco da árvore da tristeza, que secou instantaneamente, caindo morta, cedendo seus restos mortais para a fertilização da terra da grande floresta.

Quando a batalha terminou, Tuxaua e todos os caciques e pajés das tribos perceberam que no lugar da flecha que ferira Tuxaua ficara uma cicatriz, no formato de um raio, lembrança eterna da vitória obtida naquela batalha.

Imediatamente, após a derrota de Anhangá, o Espírito do Mal, retornaram às tribos a algazarra dos curumins, a crença nas lendas e a valorização do sábio da tribo, que educa os curumins com as suas histórias, criando a arte de fabricar sonhos, de fabricar ilusões, de fabricar fantasias.

É dessa forma que minha madrinhavó e os contadores de histórias encerram suas narrativas sobre aquela cidade, Parintins, município composto de um povo que valoriza a alegria, a inocência das crianças, os sonhos e as ilusões, independentemente, da fase da vida que ela esteja vivendo.

Essa, em minha opinião, é a prova cabal de que o ouro, para aquele povo, não é mais importante que as tribos e as cidades amazônicas, assim como para a minha madrinhavó, o mais importante na vida, não era o ouro, mas sim as relações de amizade e amor vividos em família e com os vizinhos e amigos.

Dessa mistura entre a fantasia e a realidade, a história e a lenda, é que o visitante é recebido em Parintins, no Amazonas, sentindo-se convidado a construir sua interpretação do delírio coletivo e criativo que alimenta a manifestação folclórica vivida, estimulada e vivenciada ano após ano, naquela cidade, dando vida a um festival.

E madrinhavó sempre terminava sua narrativa com as palavras dos contadores de histórias dos diferentes espaços, regiões e locais do folclore brasileiro, país de riqueza e diversidade cultural que nos sufoca de tamanha diversidade de crenças, hábitos e emoções: –Entrou por uma porta e saiu pela outra e, quem quiser que conte outra!

Remexendo minhas memórias, vejo surgir relatos de experiências, não sei mais identificar se minhas ou daqueles que construíram essa colcha de retalhos, com seus quadros narrados um a um, mas que, certamente, nasceram da ação da contadora de histórias que hoje sou, à semelhança da ação de um condutor de carro de bois, que, na véspera da festa do Divino Pai Eterno, se dirigindo em caravanas da sua cidade de origem, com destino ao município de Trindade, no estado de Goiás, num ato de demonstração de fé, vai construindo histórias que espelham o seu modo de vida e embasam a criação artística de

músicas, quadros, histórias...

Nesse percurso dos carros de bois, as pessoas conversam, se integram, cozinham os pratos típicos goianos – o arroz de carreteiro, a galinhada, o feijão tropeiro – e os repartem com os companheiros de viagem, num momento que, também, é de comunhão, de respeito às tradições de nossos antepassados e, também, de festa, sem dúvida!

Lembro-me que no início da década de 1980, movida pela paixão não só pela vida, mas pelo amor a um rapaz que me correspondia, eu me vi numa situação de encruzilhada, em que necessitava tomar um dos dois caminhos que se desenhavam à minha frente. Poderia ficar em Goiânia, com a família, pai, mãe, avós, irmãos, tios, primos e os amigos, ou poderia me mudar para Manaus com a pessoa que era o objeto da minha paixão. Quem é jovem ou é maduro entende bem tal dilema e a decisão por mim tomada. Fui para Manaus.

Em Manaus, iniciei a história da minha família e pude dar início a uma nova vida, a de ser mãe em um novo cenário, numa nova realidade, numa nova cultura, que para o olhar de uma professora, se mostrou extremamente rico e educativo. Mas, hoje, ao me dispor a construir esse relato de experiência, a minha goianidade se aflora e, não há como reprimi-la, pois faz parte do meu ser. Retornando à minha passagem pelo estado do Amazonas, das inúmeras experiências vivenciadas naquele novíssimo contexto, pude ter contato com as tradições, crenças e o folclore local, dentre eles, o Festival Folclórico da cidade de Parintins que me fora apresentado nas narrativas de madrinhavó.

Assim, pude constatar in loco que Parintins é uma cidade realmente movida pelo amor ao Boi Garantido (o vermelho) e ao Boi Caprichoso (o azul) e vive um ritual de adesão popular e competitividade. Essa movimentação naquela região me remete a comparações inevitáveis com os desfiles das escolas de samba, no sambódromo, no Rio de Janeiro. Tais comparações foram construídas pela apreciação dos desfiles gigantescos realizados no bumbódromo.

Assim, como no carnaval, a festa do Boi Bumbá conta uma história, com seus heróis e seus personagens coadjuvantes que trabalham “firmes”, para darem brilho ao personagem principal, numa narrativa contagiante. Entre o envolvimento com o folclore local dos moradores daquela cidade e as histórias a mim relatadas por madrinhavó em diferentes momentos da minha vida, me chamou atenção a festa dos Dias Grandes, como são chamados os dias vividos no bumbódromo, comandados pelos dois Bois, Garantido e Caprichoso, que desfilam em homenagem a Monan, o Grande Criador, e que dão hoje emprego a muitos artesãos e outros profissionais ligados à construção de grandes eventos; atraem turistas de outros estados brasileiros e do exterior para que conheçam essa história e tantas outras do

povo amazônico.

Naquela cidade, pude perceber que há poesia no ar e os seus moradores convidam os visitantes a usufruírem dela, logo na sua chegada, chamando a brincar de Boi-Bumbá com o rufar dos tambores e anunciando aos das terras distantes que é tempo de Boi em Parintins. Dessa mistura entre a fantasia e a realidade, a história e a lenda, é que o visitante é recebido, sentindo-se convidado a construir sua interpretação do delírio coletivo e criativo que alimenta a manifestação folclórica vivida, estimulada e vivenciada ano após ano, dando vida ao festival. E o festival? Ah! O festival! Tão grandioso, tão artesanal, tão musical, tão competitivo! Pois, está sempre em jogo, a rivalidade entre o Garantido e o Caprichoso! É difícil ao visitante sair de lá sem tomar partido. No meu caso, sou Caprichoso! Sou Azul! As palavras dos contadores de histórias dos diferentes tempos e espaços, regiões e locais onde vivi e vou vivendo, assim como as palavras de madrinhavó, continuam construindo quadros na minha memória, desse meu país de riqueza e diversidade cultural que nos sufoca de tamanha emoção ao relatar as experiências vividas em seu precioso chão.

Ela afirmava que o amor fazia o tempo perder o sentido. Estas eram palavras sempre ditas por madrinhavó quando ia narrar uma história de amor. Para ela, no desenrolar de uma história de amor o relógio não importava... 20 minutos, 20 horas, 20 dias, 20 anos..., ou dependendo da sintonia do casal apaixonado, ah!, essa sintonia faria o tempo voar ou simplesmente parar!

Já na ausência do objeto do nosso amor, essa ausência teria um efeito contrário e faria com que o tempo não só parasse e nos machucasse, mas chegasse mesmo a sentir prazer em nos maltratar! Esse sentimento da ausência do ser amado nos levaria a nos comportarmos exatamente ao contrário do que comumente nos comportaríamos no nosso dia a dia. Por esta razão, nos sentimos tão atrapalhados, tão desengonçados, quando estamos apaixonados, dizia ela.

As lembranças que se desfraldam à minha frente desenham as tentativas de madrinhavó de me apresentar os lugares que frequentava, cotidianamente, mas também se esforçava em me apresentar à imensidão do nosso País, o Brasil de dimensões continentais com narrativas da sua diversidade cultural.

No entanto, muitas vezes, desconfio que quando se trata de locais distantes da nossa realidade vivenciada rotineiramente, ela só tivera acesso a esses lugares pela via das narrativas construídas por meio de suas leituras de jornais, periódicos, enciclopédias ou livros literários ou até mesmo das histórias que lhe foram contadas pelo boca a boca de comadres.

Lembro-me, então, de madrinhavó quando em suas narrativas dava conta de terras bem distantes do centro-oeste

brasileiro, lembro-me de uma delas em que ela me contava de um tempo em que não se acreditava em lendas e não havia cantigas de rodas, nem luz do dia, nem brincadeiras das crianças das cidades ou dos curumins das tribos. Falava de um tempo em que se vivia sob o jugo da ganância e da devastação da natureza, e imagino que as coisas não mudaram muito desse tempo para cá. Mas, deixemos de devaneios e voltemos à narrativa de Madrinhavó.

Naquele tempo, o Espírito do Grande Tuxaua, chefe de todas as tribos da floresta amazônica, ficou deprimido e foi tomado por um mau pressentimento. Este pressentimento dava conta de um medo cultivado pela presença próxima da cobra grande, a Boiúna.

Quando Boiúna, a cobra grande que morava debaixo da ilha encantada, gritava, era o prenúncio de más notícias. E, ao ouvi-la, Tuxaua erguia-se do fundo das águas do rio Amazonas. Essa atitude era a mais pura demonstração de que estava decidido a sacrificar sua própria vida, antes de se ver obrigado a reconhecer a vitória dos conquistadores.

Mas, daquela feita, Boiúna estava gritando e o seu grito era de súplica a Tuxaua para que colocasse sua astúcia, bravura, coragem e força a serviço da reconquista da magia que o povo de todas as tribos, por ganância, havia dado em troca de um punhado de ouro.

Então, naquela noite, o Grande Tuxaua subiu as águas do rio, em companhia dos bichos das águas, os botos cor-de-rosa, os tracajás, as tartarugas, os jacarés, os pirarucus, as sucucas..., emergindo e convocando os bichos do chão, onças, cutias, macacos, tatus, cavalos, bois... encontrando-se com Boiúna e os bichos do ar, gaivotas, gaviões, sabiás...

Boiúna, a Cobra Grande, com seus olhos de fogo, estava ereta, com a cabeça acima das nuvens, exibindo o grande chifre que trazia na testa, estava em postura de guerra, pois era o início da batalha contra Anhangá e seu exército sedento de sangue, que ameaçavam aqueles que, em qualquer tribo, em qualquer cidade, ousasse cantar, criar, brincar, dançar, contar histórias...

Enfim, aquele era o tempo da ausência da inocência, da espontaneidade, da imaginação, era o tempo da ausência da alegria, da música, das histórias e da fantasia. E, Anhangá era ardiloso! Seu poder vinha da tristeza, da lamúria, do sofrimento. Ele estava alimentado!

Quando o Grande Tuxaua abriu seus braços para fazer o seu apelo a Monan, o Grande Criador de tudo e de todos, antes que ele comesse sua oração, Anhangá, traiçoeiro, o atingiu com uma flecha no peito, do lado de seu coração.

Foi então que Monan ordenou a Tuxaua e a todas as tribos da Floresta Amazônica que, para Tuxaua não morrer, pela última vez, e, para que conquistasse a vitória na batalha contra Anhangá e seu exército, ávido de sangue e tristeza, fossem

oferecidos a Monan, pelo povo amazonense, dois bois todo o ano, e que todo ano fosse realizada durante a oferenda dos dois bois, em sua honra, uma grande festa no coração da floresta, até o fim dos tempos.

Depois de proferida essa exigência de Monan, imediatamente, os caciques e os pajés de todas as tribos amazonenses se reuniram em um grande conselho e o compromisso foi selado. Então, os pajés cuidaram de Tuxaua, batendo folhas em seu corpo, conversando com Monan e, nesse ritual, foi dada a ele força para retirar a flecha de seu peito.

Livre da flecha que retirara do seu coração, Tuxaua apontou-a para o lugar de onde viera e a flecha, tendo sido energizada pelo conselho de caciques e pajés, ao atingir Anhangá, o Espírito do Mal, provocou um grande estrondo, prendendo-o no oco da árvore da tristeza, que secou instantaneamente, caindo morta, cedendo seus restos mortais para a fertilização da terra da grande floresta.

Quando a batalha terminou, Tuxaua e todos os caciques e pajés das tribos perceberam que no lugar da flecha que ferira Tuxaua ficara uma cicatriz, no formato de um raio, lembrança eterna da vitória obtida naquela batalha.

Imediatamente, após a derrota de Anhangá, o Espírito do Mal, retornaram às tribos a algazarra dos curumins, a crença nas lendas e a valorização do sábio da tribo, que educa os curumins com as suas histórias, criando a arte de fabricar sonhos, de fabricar ilusões, de fabricar fantasias.

É dessa forma que minha madrinhavó e os contadores de histórias encerram suas narrativas sobre aquela cidade, Parintins, município composto de um povo que valoriza a alegria, a inocência das crianças, os sonhos e as ilusões, independentemente, da fase da vida que ela esteja vivendo.

Essa, em minha opinião, é a prova cabal de que o ouro, para aquele povo, não é mais importante que as tribos e as cidades amazônicas, assim como para a minha madrinhavó, o mais importante na vida, não era o ouro, mas sim as relações de amizade e amor vividos em família e com os vizinhos e amigos.

Dessa mistura entre a fantasia e a realidade, a história e a lenda, é que o visitante é recebido em Parintins, no Amazonas, sentindo-se convidado a construir sua interpretação do delírio coletivo e criativo que alimenta a manifestação folclórica vivida, estimulada e vivenciada ano após ano, naquela cidade, dando vida a um festival.

E madrinhavó sempre terminava sua narrativa com as palavras dos contadores de histórias dos diferentes espaços, regiões e locais do folclore brasileiro, país de riqueza e diversidade cultural que nos sufoca de tamanha diversidade de crenças, hábitos e emoções: –Entrou por uma porta e saiu pela outra e, quem quiser que conte outra!

Remexendo minhas memórias, vejo surgir relatos de

experiências, não sei mais identificar se minhas ou daqueles que construíram essa colcha de retalhos, com seus quadros narrados um a um, mas que, certamente, nasceram da ação da contadora de histórias que hoje sou, à semelhança da ação de um condutor de carro de bois, que, na véspera da festa do Divino Pai Eterno, se dirigindo em caravanas da sua cidade de origem, com destino ao município de Trindade, no estado de Goiás, num ato de demonstração de fé, vai construindo histórias que espelham o seu modo de vida e embasam a criação artística de músicas, quadros, histórias...

Nesse percurso dos carros de bois, as pessoas conversam, se integram, cozinham os pratos típicos goianos – o arroz de carreteiro, a galinhada, o feijão tropeiro – e os repartem com os companheiros de viagem, num momento que, também, é de comunhão, de respeito às tradições de nossos antepassados e, também, de festa, sem dúvida!

Lembro-me que no início da década de 1980, movida pela paixão não só pela vida, mas pelo amor a um rapaz que me correspondia, eu me vi numa situação de encruzilhada, em que necessitava tomar um dos dois caminhos que se desenhavam à minha frente. Poderia ficar em Goiânia, com a família, pai, mãe, avós, irmãos, tios, primos e os amigos, ou poderia me mudar para Manaus com a pessoa que era o objeto da minha paixão. Quem é jovem ou é maduro entende bem tal dilema e a decisão por mim tomada. Fui para Manaus.

Em Manaus, iniciei a história da minha família e pude dar início a uma nova vida, a de ser mãe em um novo cenário, numa nova realidade, numa nova cultura, que para o olhar de uma professora, se mostrou extremamente rico e educativo. Mas, hoje, ao me dispor a construir esse relato de experiência, a minha goianidade se aflora e, não há como reprimi-la, pois faz parte do meu ser. Retornando à minha passagem pelo estado do Amazonas, das inúmeras experiências vivenciadas naquele novíssimo contexto, pude ter contato com as tradições, crenças e o folclore local, dentre eles, o Festival Folclórico da cidade de Parintins que me fora apresentado nas narrativas de madrinhavó.

Assim, pude constatar in loco que Parintins é uma cidade realmente movida pelo amor ao Boi Garantido (o vermelho) e ao Boi Caprichoso (o azul) e vive um ritual de adesão popular e competitividade. Essa movimentação naquela região me remete a comparações inevitáveis com os desfiles das escolas de samba, no sambódromo, no Rio de Janeiro. Tais comparações foram construídas pela apreciação dos desfiles gigantescos realizados no bumbódromo.

Assim, como no carnaval, a festa do Boi Bumbá conta uma história, com seus heróis e seus personagens coadjuvantes que trabalham “firms”, para darem brilho ao personagem principal, numa narrativa contagiante. Entre o envolvimento com

o folclore local dos moradores daquela cidade e as histórias a mim relatadas por madrinhavó em diferentes momentos da minha vida, me chamou atenção a festa dos Dias Grandes, como são chamados os dias vividos no bumbódromo, comandados pelos dois Bois, Garantido e Caprichoso, que desfilam em homenagem a Monan, o Grande Criador, e que dão hoje emprego a muitos artesãos e outros profissionais ligados à construção de grandes eventos; atraem turistas de outros estados brasileiros e do exterior para que conheçam essa história e tantas outras do povo amazônico.

Naquela cidade, pude perceber que há poesia no ar e os seus moradores convidam os visitantes a usufruírem dela, logo na sua chegada, chamando a brincar de Boi-Bumbá com o rufar dos tambores e anunciando aos das terras distantes que é tempo de Boi em Parintins. Dessa mistura entre a fantasia e a realidade, a história e a lenda, é que o visitante é recebido, sentindo-se convidado a construir sua interpretação do delírio coletivo e criativo que alimenta a manifestação folclórica vivida, estimulada e vivenciada ano após ano, dando vida ao festival. E o festival? Ah! O festival! Tão grandioso, tão artesanal, tão musical, tão competitivo! Pois, está sempre em jogo, a rivalidade entre o Garantido e o Caprichoso! É difícil ao visitante sair de lá sem tomar partido. No meu caso, sou Caprichoso! Sou Azul!

As palavras dos contadores de histórias dos diferentes tempos e espaços, regiões e locais onde vivi e vou vivendo, assim como as palavras de madrinhavó, continuam construindo quadros na minha memória, desse meu país de riqueza e diversidade cultural que nos sufoca de tamanha emoção ao relatar as experiências vividas em seu precioso chão.

CITAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Nelly Novaes. Conto de fadas: o imaginário infantil e a Educação. Criança: Revista do Professor de Educação Infantil, Brasília: MEC, n. 38, p. 10-12, jan. 2005.

DEHEINZELIN, Monique. Como as crianças pintam? Criança: Revista do Professor de Educação Infantil, Brasília: MEC, n. 35, p. 22-25, dez. 2001.

VYGOSTKY, L. S. La imaginación y el arte em la infância. Madrid, Akal, 1996.

Setúbal, Maria Alice e Érnica, Maurício. Porque Educação e Cultura? IN: Cadernos Cenpec – Educação, Cultura e Ação Comunitária, São Paulo, 2005.

SOBRE A AUTORA:

Professora de Educação Física, mestre em Educação Escolar Brasileira/MEEB/Faculdade de Educação/UFG; Coordenadora do Programa Gwaya Contadores de Histórias/UFG, docente do Curso de Especialização em Metodologia do Ensino Fundamental oferecidos pelo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG. Atualmente, presta assessoria e consultoria à Undime/GO. E-mail: vanybraz@gmail.com

Recebido: 15.12.2015

Aprovado: 30.04.2016